

# ALÉM DE NÓS... EVIDÊNCIAS DA MULTIPLICIDADE

Solange Puntel Mostafa\*  
Lucilia Maria Sousa Romão\*\*

## RESUMO

Discute o princípio de proveniência da arquivologia partindo de uma discussão tripartite entre Terry Cook, Ariare Ducrot e Heloisa Belloto. Busca inspiração no texto australiano “*Evidences of me*” não apenas para contrapor o aspecto pessoal e coletivo presente nos arquivos privados, mas para ressaltar as multiplicidades em que se constituem tanto o individual quanto o coletivo. Problematiza pesquisas realizadas nos arquivos e bibliotecas de ilustres como Darcy Ribeiro, Augusto Capanema, Florestan Fernandes e Neusa Carson abrindo o princípio da proveniência às multiplicidades.

**Palavras-chave:** Princípio de proveniência. Arquivos privados. Multiplicidades.

\* Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Professora da Universidade de São Paulo, Brasil.  
E-mail: smostafa@terra.com.br.

\*\* Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo, Brasil. Livre-docente em Ciência da Informação na Universidade de São Paulo. Bolsista CNPq nível 2.  
E-mail: luciliamsr@ffclrp.usp.br.

## I INTRODUÇÃO

Uma pergunta presente nas pesquisas sobre arquivos pessoais de pessoas ilustres chama a atenção pela sua insistência. ‘Evidências de mim’ é o título do artigo de Sue Mckemmish na revista australiana *Archives and Manuscripts*. Tal artigo retira o seu título de um romancista inglês, Matthew Pearce no livro ‘*Ever After*’. O livro conta a estória de um geólogo com questões próprias a esta área mas, embora toque em Darwin e dinossauros, a questão central do livro é por que as coisas deveriam ter sentido? (Why should things matter?). Diante da morte, o personagem diz sobre suas anotações: “guarde-as, queime-as – elas são evidências de mim”.

O curto texto de Mckemmish publicado em revista australiana traz vários exemplos da literatura; a autora cogita se os arquivistas, não poderiam relacionar documentos e atividades na vida pessoal como o fazem na vida empresarial. Pois a guarda de um recorte de jornal ou a escrita de uma carta, cartão ou bilhete são evidências de relações com o mundo, mas também são ‘evidências de mim’:

[...] Just as [archivists] ... can identify significant business functions and activities and specify what records are captured as evidence of those activities so they can analyse socially assigned roles and related activities and draw conclusions about what records individuals in their personal capacity capture as evidence of these roles and activities – “evidence of me [...].

Num certo sentido, temos visto as pesquisas brasileiras sobre arquivos ou bibliotecas de pessoas ilustres repetirem a afirmação de Sue McKemmish, professora de universidade australiana: os arquivos privados são poeticamente vistos como evidências pessoais, o que nos parece inegável. Nem é preciso recorrer a teorias nas ciências sociais para percebermos que as novas e tão populares páginas do Facebook são mais do que nunca evidências de nós. Páginas que são verdadeiros arquivos pessoais de subjetividades quaisquer, que constituem certos modos de constituir arquivos, e mais, de fazê-los circular numa rede de compartilhamento com outros donos e gestores de arquivos. Tais arquivos muito singulares indicam também certos modos

de ler o arquivo, o próprio e o alheio; e são modos sempre particulares que escapam a qualquer tentativa de homogeneidade. Mas qual dessas merece destaque a tal ponto de reunir profissionais no seu entorno para fins de organização? Justamente as páginas de pessoas ilustres, sejam elas romancistas, filósofos ou cientistas sociais. Isso porque elas encerram pontos interessantes de escuta da singularidade dos donos de arquivo e da heterogeneidade que o constitui.

Estamos no coração da Arquivologia e de seu Seminário Internacional sobre Arquivos Pessoais realizado em São Paulo em 1997 pelo CPDOC-FGV-IEBUSP. Nele dois convidados importantes: o canadense Terry Cook e a francesa Ariane Ducrot, o primeiro problematizando um entendimento arquivístico comum para arquivos pessoais e institucionais, tendo em vista o momento pós-moderno dos anos noventa em que se passa o seminário, posição que o autor vem sistematicamente defendendo, inclusive em entrevistas recentes (MOSTAFA; MURGUIA, 2012). O autor coloca em discussão a necessidade de tomar investigar o impacto das condições históricas na formalização do aporte teórico e analítico da arquivística. “Os melhores teóricos arquivistas são aqueles que conseguiram reconhecer e articular essas mudanças radicais na sociedade e então lidaram conceitualmente com o impacto delas na teoria e prática arquivística.” (COOK, 1997, p. 20).

Já Ariane Ducrot apresenta suas ideias sobre a Classificação dos Arquivos Pessoais e Familiares na França, anotando como devem ser as operações intelectuais e materiais para se classificar os arquivos pessoais, como o preparo prévio da classificação, a aplicação do princípio da proveniência para os arquivos pessoais e o arranjo lógico do fundo permitem que o arquivo seja utilizado em diferentes pesquisas. Entre Terry Cook e Ariane Ducrot está Heloisa Bellotto, encarregada de mediar a mesa de trabalhos. Bellotto no seu papel de ‘advogada do diabo’ (como ela mesma se intitula), ao perceber duas apresentações tão distintas, uma defendendo princípios comuns para quaisquer tipos de arquivo (posição do canadense) e outra distinguindo esses mesmos princípios, pergunta aos debatedores:

O que nos perguntamos nessa altura e, tentando, de certo modo, unir as duas apresentações, é o seguinte: valerá a pena ainda insistirmos nessa questão, isto é, a de adaptar os rígidos princípios de base do Manual Holandês para área de produção documental tão diversa, qual seja a dos registros pessoais, quando Terry Cook já dá por ultrapassado esse nosso norte de cem anos? Será – e é o que eu pergunto à Mme. Ducrot – que não seria apropriado, neste fim de século, a arquivística francesa caminhar um bocado... e repensar uma moderna metodologia de arranjo? [...] e se pensarmos na questão dos ‘arquivos totais’, será que vale a pena, ainda, pensarmos na estrita diferenciação das espécies e tipos documentais...? Mme Ducrot faz diferenças meticulosas entre certas espécies documentais constantes de acervos pessoais [...] (BELLOTTO, 1997)

Ao mesmo tempo em que Bellotto está questionando o discurso tradicional de Ariane Ducrot, ela também cutuca Terry Cook na não inclusão das peças ou objetos pessoais ou mesmo livros integrando arquivos pessoais na noção canadense de ‘arquivos totais’. Observação que para nós tem todo o sentido, diante dos fundos híbridos que vemos chegar às bibliotecas, compostos de documentos de arquivos, livros e objetos pessoais, alguns dos quais têm chegado a universidades brasileiras, reclamando novos modos de tratamento e organização.

Voltemos aos arquivos privados. Não é por acaso que temos um Seminário Internacional sobre Arquivos Pessoais no Brasil há dezesseis anos, promovido pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas. Esta instituição vem desde a década de setenta abrigando arquivos privados, desenvolvendo pesquisas ao lado ou a partir desses conjuntos documentais. Uma variada gama de outras instituições brasileiras também desenvolvem estes serviços e pesquisas correlatas. Seleccionamos apenas quatro arquivos pessoais para problematizar nossa questão mais ligada às multiplicidades do que às pessoas ilustres, em que pesem o respeito por cada um dos ilustres aqui mencionados. É que entenderemos o ilustre composto de muitas relações construídas na malha dos ditos e escritos em vários tempos, como é também a conversa que entabulamos em

qualquer esquina. Mas há algo que vai além de nós e de nossos registros que é justamente o que iremos problematizar. Vejamos então os arquivos pessoais de Darcy Ribeiro, Augusto Capanema, Florestan Fernandes e Neusa Carson no relato de suas pesquisadoras, respectivamente Heymann (2012), Fraiz (1998), Cósia; Fernandes Costa (2011), Scherer; Oliveira; Petri; Paim (inédito).

## **2 OS ARQUIVOS E BIBLIOTECAS ILUSTRES**

Darcy Ribeiro (1922-1997) foi antropólogo, escritor e político brasileiro tendo sido estudioso do problema indígena e da educação brasileira; ao lado de Anísio Teixeira fundou a Universidade de Brasília nos anos sessenta, tendo sido seu primeiro reitor. Publicou vários livros e muitos deles sobre os povos indígenas. No relato de Heymann (2012), Darcy Ribeiro teria reiteradas vezes demonstrado desejo que sua biblioteca de 20 mil volumes ‘não fosse desmembrada após sua morte’. Parece que o ilustre antropólogo não atribuía ao seu arquivo pessoal a mesma importância quanto à biblioteca. Mas os documentos de arquivo têm alimentado projetos editoriais; são ‘aulas, cartas do exílio, prefácios de inúmeras publicações, palestras e artigos e, finalmente diários de campo que ainda permanecem inéditos’.

Heymann (2012) destaca em seu relato sobre o arquivo utópico de Darcy Ribeiro (relato fruto de tese de doutoramento em sociologia) que o próprio Darcy identificou lacunas na sua biblioteca, tão logo ficou estabelecido que sua biblioteca era inegável patrimônio cultural a ser partilhado entre os brasileiros; providencia então ele mesmo a compra dos volumes necessários à completude dos temas estudados por Darcy. Curioso é que no arquivo encontram-se ‘duas listas de livros ‘para a Biblioteca Darcy Ribeiro’ com milhares de volumes indicados para compra – a maioria relativa à História do Brasil mas também a literatura de Machado de Assis, José de Alencar e Érico Veríssimo. Heymann (2012) adverte ainda que essas compras planejadas por Darcy não retira do arquivo a condição de acumulação natural, uma vez que prefere deslocar a questão valorizada na literatura de arquivística, da contraposição entre autêntico e inautêntico para o carácter construído do patrimônio cultural.

Outro aspecto do relato de Heymann é justamente o destaque que a autora dá à problematização levantada por Mckemmish ao perguntar, parafraseando a australiana das ‘evidências de mim’: ‘quais as provas de Darcy que seu arquivo fornece?’ Heymann acolhe a tese das evidências ou dos testemunhos que nossas leituras e escritos fornecem sobre nós. Frequentemente indivíduos sentem-se no dever de prestar contas e de dar testemunho de suas vidas, ‘tanto no sentido de preservar a memória de experiências vividas como no de constituir sua identidade pessoal por meio do arquivamento’.

Assim, a teórica saúda o papel das ‘narrativas de si’ e do seu papel na constituição do self apontadas no texto da australiana Mackemmish, mas adverte que nem todo gesto de arquivamento pode ser associado a uma intenção memorial. Diários pessoais sim, mas nem toda anotação ou registro é de ordem tão pessoal. Veremos que o segundo arquivo a ser apresentado nessa problematização irá fundamentar este aspecto do registro intelectual e do registro pessoal nas teorizações foucaultianas da escrita de si, em que ficarão bem claras as distinções de ambas as tipologias documentais que Heymann quis destacar ao dialogar com Mckemmish.

Antes de passarmos ao segundo arquivo ainda é necessário dizer das intenções de Heymann que segundo ela não foi explorar a riqueza dos 60 mil documentos do arquivo de Darcy Ribeiro. Muito mais entender a relação que o ilustre antropólogo estabeleceu com seus papéis. Ela demonstra isso ao perguntar ‘o que o arquivo testemunha nos termos de Mackemmish (1996), ou quais as ‘provas de Darcy’ que seu arquivo fornece?’ Deixemos esta pergunta no ar e passemos ao segundo relato.

## **3 O META-ARQUIVO DE AUGUSTO CAPANEMA**

Vemos vários pontos interessantes a ressaltar nesta dissertação de mestrado na área de Literatura Brasileira de Fraiz (1998) ao analisar o extenso arquivo de duzentos mil documentos de Augusto Capanema (1900-1985), ex-ministro do governo Vargas. O primeiro é a relação apontada

pela autora entre literatura e arquivística, pois Capanema traz, em seus registros, demonstrações de 'uma vasta cultura humanística, posto que lia de tudo, de direito, história, filosofia e religião à educação, política, língua e literatura. Assim, são ressaltados os trechos de suas leituras de Machado, Camões, Goethe e Gide.

Só isto já tornaria a análise de Fraiz interessante, mas duas outras questões nos chamaram a atenção: a justa apropriação das teorizações de Michel Foucault distinguindo os registros de leituras (os hypomnematas) das narrativas pessoais e o curioso caso do meta-arquivo do titular. Fraiz separa os 7 mil fragmentos de escritos em dois blocos: um bloco de 3 mil fragmentos 'constituído por trechos de obras, citações, transcrições de pensamentos, etc. que Capanema anotava conforme ia lendo ou estudando; o outro bloco com cerca de quatro mil fragmentos, reúne a escrita autobiográfica propriamente dita'.

Para o primeiro bloco, a autora lança mão da escrita de si descrita por Foucault na antiguidade clássica: "[...] Os hypomnemata se constituíam em cadernos pessoais de notas onde eram registrados citações, fragmentos de obras, ações e exemplos testemunhados ou lidos, reflexões e debates ouvidos ou rememorados. Guia de conduta, mais do que apenas auxiliar da memória [...]" (FRAIZ, 1998, p.68). Eram anotadas "[...] citações, fragmentos de obras, ações e exemplos testemunhados ou lidos, reflexões e debates ouvidos ou rememorados [...]", escritos como um "arquivo" de discursos para auxiliar o cidadão a se posicionar diante das questões do seu tempo. (FRAIZ, 1998, p.68).

Guia de ação, portanto, mais do que escrita pessoal ou memorialística. Estamos falando dos primeiros séculos do cristianismo e, portanto, Foucault distingue esta escrita de si mais afirmativa do já dito, rememorando-o da escrita mais confessional dos cristãos. Registrar e estudar os ditos eram um método de aperfeiçoar a relação consigo para o cuidado da polis, uma maneira de se tornar cidadão. Diferente dos escritos pessoais, esses sim confessionais e purgatórios. 'Mediante a coleta de coisas lidas e ditas por outros e fixadas pela escrita, o indivíduo constituía para si próprio uma identidade'. Assim, a autora tece uma analogia entre os hypomnematas e os fragmentos de Capanema, pois ambos os produtos são semelhantes em suas composições. Mas mais que

isto ela alarga a tese foucaultiana dos registros textuais para a construção do arquivo, pois 'No caso específico de Capanema... a tentativa de constituição de sua identidade será buscada, igualmente, no ato de organizar seu arquivo, num movimento simultâneo ao da escrita'. Sua hipótese está no título do seu trabalho; há uma dimensão autobiográfica nos arquivos pessoais, pois o processo de ler e registrar uma escrita de si faz parte da construção do eu e tal processo ajuda a fixar uma identidade.

Entramos com isto no curioso aspecto do meta-arquivo de Capanema, assim denominado por ser tratar de um arquivo sobre o arquivo, ou melhor de um arquivo que se desdobra em outros como efeitos de rearranjo; segundo a autora é tal o esmero organizativo do ilustre que ele não teve tempo de escrever suas memórias, com o quê Fraiz se autoriza a 'conferir ao processo acumulativo, o estatuto de objeto da análise autobiográfica'. É tal a exaustividade com que Capanema se colocou na rota do registro e da guarda das informações de seu entorno no período de 1914 a 1982, que seu arquivo foi chamado pela pesquisadora de 'meta-arquivo', já que o nível de instrução arquivística nele contida permite pensá-lo como uma reflexão sobre arquivo, isto é, um meta-arquivo. Diz a autora que "[...] seu espaço autobiográfico residia exatamente na dedicação excessiva ao próprio arquivo, no fazer e refazer ordens, planos, classificações, produzindo um sentido para a sua vida mediante a ordenação das fontes e nunca a sistematização do texto" (FRAIZ, 1998, p 83). Conclui que 'o projeto de construção autobiográfica de Capanema, portanto, só pode ser recuperado através do próprio arquivo'. (FRAIZ, 1998). A autora reafirma, então, sua tese principal a de que o arquivo privado de Gustavo Capanema é seu projeto autobiográfico "[...] porque construindo seu arquivo ele constrói sua expressão individual, sua origem, seu eu, efetuando o pacto com o leitor [...] é como se Capanema estivesse dizendo: 'você está lendo a minha vida, construída e escrita por mim' " (FRAIZ, 1998, p. 75). Da mesma forma que deixamos no ar as provas de Darci Ribeiro, vamos deixar Capanema crer que estamos lendo sua vida e sua escrita, e passar ao terceiro relato, agora nas lentes das fotografias de Florestan Fernandes.

#### 4 O NOTÁVEL FLORESTAN FERNANDES

O título do terceiro relato também relaciona a vida do ilustre com os documentos de arquivo, no caso as fotografias da série Vida Acadêmica (CÓSCIA; FERNANDES COSTA, 2011). O Fundo Florestan Fernandes foi nominado pela UNESCO em 2009 sendo hospedado na Biblioteca Comunitária da Universidade de São Carlos, SP; Os documentos de arquivo são distribuídos nas séries Vida Pessoal, Vida Acadêmica, Vida Política, Produção Intelectual, Produção Intelectual de Terceiros e Homenagens Póstumas. O título poético do relato é: 'A vida acadêmica do sociólogo brasileiro Florestan Fernandes flagrada pelas lentes fotográficas'. Mais uma vez trata-se de relacionar a vida do ilustre através de seu arquivo, pois o conjunto de fotografias que estão sob estudo referem-se ao período da ditadura militar, período da década de 60 quando FF foi exilado do Brasil. Somos tentadas a fazer tal relação também em relação à coleção de livros do sociólogo. Pois a organização da sua biblioteca, hospedada na mesma UFSCAr, segue quicá as três fases identificadas por Freitag: na primeira fase tida como mais acadêmica, FF analisa a Sociologia como disciplina num viés mais funcionalista bem como elege o índio brasileiro e o estudo pormenorizado da realidade brasileira. Já na segunda fase, migrará para o referencial marxista, estudando a guerrilha urbana, a revolução cubana e a ditadura militar brasileira e latina; e uma terceira fase em que veremos o sociólogo membro do PT e da Assembléia Constituinte, portanto o Florestan político, coincidindo com suas estantes da última sala. São várias as biografias traçadas para este notável sociólogo: Souza Martins (1986) revisa o acadêmico e cientista; Garcia (2002) analisa o 'destino Ímpar' de FF ao estudar sua formação acadêmica. Veremos ainda seu amigo Antonio Cândido escrever um livro em 2001 com o título 'Florestan Fernandes'. Mas queremos destacar a biografia de Veras (1997) quando observa a característica de "militante solitário" uma vez que, FF recusou-se a participar do primeiro grupo de estudos de leitura d'*O Capital* formado por Gianotti, Fernando Henrique Cardoso, Otávio Ianni e Robert Schwartz em 1964, época em que o Brasil e a França estavam debruçadas

nas leituras do Capital; e que no Brasil havia o agravante do golpe militar, fenômeno que os intelectuais tentavam entender com referenciais mais amplos do marxismo.

As revelações acima são trazidas pelo estudo de Freitag (2005) sobre as rupturas epistemológicas por que passou FF (por exemplo a passagem do funcionalismo ao marxismo e à militância política). Destacamos também a curiosa observação trazida por Freitag: o fato de ele ter traduzido, aos 26 anos, ou seja, em 1946, a "Contribuição à crítica da economia política" de Marx, e escrito o prefácio a esta obra, ainda não fazia dele um marxista. A opção pelo marxismo veio vinte anos mais tarde conforme Freitag "alguns anos antes do AI-5, mais precisamente em 1964, ano do Golpe Militar contra o governo de João Goulart". Pois bem, as primeiras estantes da biblioteca pessoal de FF jogam luz às duas fases descritas por Freitag (estudos das ciências humanas em geral, da sociologia como ciência e dos estudos marxistas da década de quarenta e sessenta). Quem não se emocionaria ao entrar nesta biblioteca? Vista como uma estante de livros é uma estante qualquer. Mas se pensarmos que todos esses livros passaram pela mão de um de nossos mais destacados sociólogos brasileiros seremos tomados por um outro sentimento...

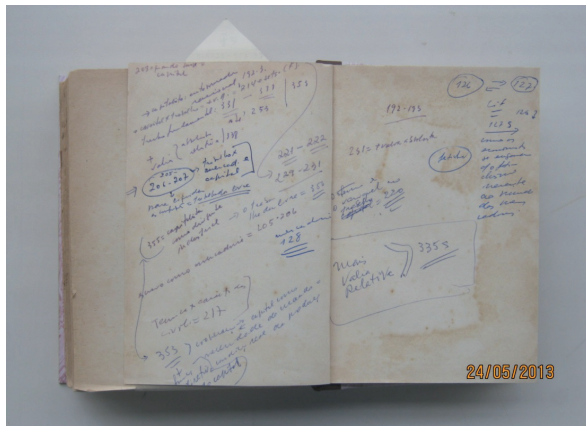
Figura 1 – Estante da biblioteca FF



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

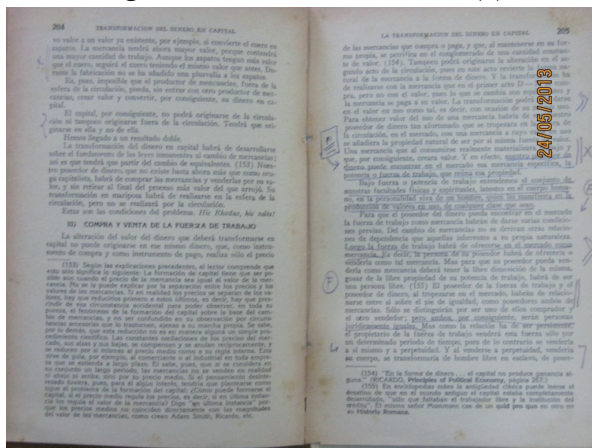
Ao experimentarmos retirar das estantes um livro, aquela emoção se intensifica e se o livro contiver anotações feitas de sua própria pena estaremos experimentando algo entre cumplicidade e constrangimento. Parafraseando Fraiz, com seu Capanema, é como se Florestan estivesse dizendo: "você está lendo a minha vida, os meus livros; cuidado!".

Figura 2 - Anotações em livros (a)



Fonte: Arquivo pessoal das autoras.

Figura 2 - Anotações em livros (b)



Fonte: arquivo pessoal das autoras.

## 5 A LINGUISTA DO ALÉM FRONTEIRAS

As professoras da Universidade Federal de Santa Maria (RS) e coordenadoras do Laboratório Corpus, Amanda Scherer e Verli Petri, instalam de maneira pioneira uma política de Fundo Documental ligada ao trabalho em um laboratório comprometido com a história das idéias linguísticas e com os estudos discursivos. A partir de três doações do acervo de Neusa Carson, está em execução o tratamento, a organização e o estudo do Fundo Documental cuja tarefa é marcar discursivamente outro modo de trabalhar com o arquivo, qual seja, tomando-o em sua heterogeneidade e incompletude. Advertidas de que tudo não se guarda, não se arquivava e não se disponibiliza, as pesquisadoras distam dos estudos tradicionais arquivísticos, posto que entendem-no como discurso. Reunir documentos de uma das maiores linguistas brasileiras, e torná-los material em condição de fundar uma discursividade implica considerar as condições de produção, a exterioridade e a ideologia tal como Michel Pêcheux propõe, dentre outros teóricos da Análise do Discurso francesa.

Neusa Carson desenvolveu pesquisas pioneiras no estudo linguístico em regiões de fronteira no país, tais como o extremo sul e as regiões indígenas do norte. Ao mesmo tempo, teve diálogo aberto com os Estados Unidos e a Europa, contribuindo para a fundação e o desenvolvimento de um campo disciplinar no âmbito da pesquisa. Tal elemento da exterioridade é fundamental para compreender um acervo constituído por cartas, documentos pessoais, relatos de pesquisa, recortes de jornal, manuscritos, cadernos de pesquisa de campo, artigos em andamento, livros e textos em que a autora pôde deixar pegadas de sua trajetória e de suas indagações. Compreendê-lo indo além da materialidade dos documentos, observando como eles inscrevem certos movimentos de sentido, certos trajetos de leitura, certos modos de colocar em circulação efeitos datados historicamente.

Tal política nos conduz a uma leitura discursiva de um arquivo constituído pela sua historicidade, pois veremos que a linguista em questão procura um

É como se o espaço de dizer de si, com anotações e rasuras muitos informais, particulares e enviadas apenas a si mesmo pudesse agora ser revista por olhos estranhos e alheios. Algo que coloca à mostra o singular modo, não apenas de Florestan constituir seu arquivo, mas de traçar percursos de leitura dentro dele, vasculhando um certo modo de ler o seu arquivo. O último relato que apresentamos diz respeito ao Fundo Documental Neusa Carson, uma das maiores linguistas brasileiras que viveu em Santa Maria e produziu estudos preciosos no Rio Grande do Sul.

espaço de formulação e de produção de saber na Linguística que se revela, para a época inicial, fortemente interessante, vinculada à descrição e ao estudo das línguas, através de uma relação acadêmica constituída na e pela sociedade científica da qual fez parte. (SCHERER, OLIVEIRA, PETRI E PAIM). Inédito.

O tratamento documental empreendido pelas autoras está em curso, o que nos coloca em compasso de espera para divulgar os resultados bem como a escolha metodológica por fazê-lo. Por agora, afirmamos que a UFSM conseguiu um grande arquivo pessoal graças ao empenho de docentes preocupadas com o não apagamento da memória de pesquisadora na unidade. Ao lado da organização e montagem física do acervo, duas produções bibliográficas serão lançadas quando da produção de uma exposição sobre o Fundo. Esse modo de trabalhar - não apenas o discurso sobre - mas, sobretudo, o dizer de uma linguista em arquivo aponta para uma operação discursiva em que à palavra destina-se o trabalho de a memória desdobra-se sobre si mesmo, nervurar-se em circulação de modo a produzir efeitos de arquivo nos leitores. E naqueles que pesquisam arquivo e fundo documental.

Há um sujeito pesquisador que olha o arquivo, pensa sobre arquivo, recorta arquivo, analisa arquivo, e este sujeito está num lugar mais ou menos estável, mas em um lugar já dado. As alterações acontecem, então, quando esse sujeito, em decorrência de um acontecimento, muda sua posição em relação ao arquivo e passa a observar empiricamente, a ver arquivo em lugares que antes não via e onde outros ainda não veem. (SCHERER, OLIVEIRA, PETRI; PAIM). Inédito.

Tudo isso nos indica um modo de acolher o arquivo pessoal como discurso em fluxo, como montagem a partir de efeitos que se constroem na bricolagem de documentos reunidos e concernidos a certo tema ou personalidade. Tal trabalho ganha destaque no trabalho de alguns pesquisadores inseridos em universidades, que recolhe tanto quanto possível algo do arquivo disperso para enovelar uma nova articulação do arquivo discurso e de leitura de arquivo.

## 6 ALÉM DE NÓS

A questão não é contrapormos as 'evidências de mim' trazidas por Mckemmish com as 'evidências de nós' porque isto a pesquisadora australiana já fez e num certo sentido as pesquisas aqui apresentadas dão conta das relações entre a vida pessoal, a produção intelectual e a conjuntura da coletiva. A questão que queremos levantar é justamente aquilo que nos ultrapassa "para que afinal floresça o mais que humano em nós" como nos versos de Caetano Veloso (1999). E isso nos aponta uma vereda em que precisamos reconhecer a heterogeneidade de discursos em cada um dos arquivos pessoais aqui apresentados, ou melhor, em todos os arquivos particulares. Ao compor um mosaico de objetos, livros, materiais, cadernos, anotações dentro outras materialidades, os acervos de intelectuais abrem múltiplas tentativas e percursos de leitura, diversificadas maneiras de dialogar com autores, épocas e obras advindas de vários campos. O que se guarda, estoca e acumula é algo que se soma sem uma planejamento prévio dos pesquisadores, coletas que foram tecidas nos encontros imprevistos, achados ou material recuperado aos poucos que vão se somando muitas vezes de modo aleatório. Um acervo de pesquisador, nesses termos, guarda as pegadas de terras teóricas trilhadas pelo seu dono, os locais visitados por ele e os trechos interrompidos de pesquisas inconclusas. Também ficam ali os equívocos só confessos nos momentos em que a teoria emperra; as preferências e os embates que se dão a ver quando tocamos cadernos de anotações, páginas com comentários, as beiradas de manuscritos. Restam, ainda, as rasuras que foram feitas na tentativa de apagar certos movimentos teóricos ou analíticos; os processos que muitas vezes ficam esquecidos e não podem ser apreciados no produto final de uma obra.

Tomar tal arquivo em sua especificidade implica um profissional da informação e um arquivística capazes de considerar a heterogeneidade como ponto mais fecundo do próprio arquivo. Isto é, significa entender, tratar e expor essa própria multiplicidade sem censurá-la ou sem tentar cerzi-la de modo a produzir uma sequência que possa silenciar o desatino dos percursos de leitura, de escrita e de guarda do dono do arquivo. Deixar à mostra o que muitas vezes escapa à formalização, o que destoa da obra, o que apresenta rachadura do tempo ou risco

sem avesso perfeito. É preciso, sim, considerar esse diverso como “o mais que humano em nós”. Também sustentamos, com a análise dos quatro fundos documentais aqui enlaçados, que algo do incompleto se apresenta neles. E o entendemos nos termos de um intervalo entre um documento e outro: nem tudo o que o autor leu, estudou, viveu, coletou ou guardou está ali. Há algo da incompletude no que se mostra e ou se apresenta, pois por mais que se tenha guardado, sempre existe um documento que se perdeu. O livro emprestado e não devolvido, o manuscrito rasgado, o texto danificado pelo tempo, a fotografia perdida... Não se guarda tudo, tampouco essa deve ser a pretensão de um arquivo pessoal. Reconhecer isso é também parte do que julgamos consistir no trabalho do profissional de arquivo e de informação.

Cada um dos dispositivos aqui analisados, seja um arquivo de documentos seja uma coleção de livros recebeu traços estilísticos de uma obra de arte; a recomendação de Nietzsche é para que façamos de nossas vidas uma obra de arte.

A arte e a filosofia aproximam-se principalmente na filosofia da diferença de Deleuze & Guattari. Por quê? Porque o conceito filosófico é vagabundo, dizem os filósofos; ele fabula um outro mundo ainda inexistente. Mas não o faz racionalmente. O conceito surge inseparável dos perceptos e dos afetos (outros dos conceitos filosóficos). Os perceptos não são percepções. As percepções estão centradas em nós: percebemos as coisas e as pessoas em nosso entorno. Percebemos os documentos de arquivo bem como as estantes ilustres, enfim percebermos tudo o que o mundo nos dá. Com os perceptos, é diferente; os filósofos entendê-los como ‘pacotes de sensações e de relações que sobrevivem àqueles que os vivenciam’. Como pacotes de sensação, os perceptos vão além

de nós: os objetos do mundo estão em ininterrupta relação uns com os outros e duram além de nós. Cada objeto do mundo é um ponto de vista sobre o mundo de tal maneira que todos esses pontos de vista ressoam uns sobre os outros, numa variação contínua. Da mesma maneira, os afectos nos ultrapassam pois eles não são sentimentos mas potencia de variação, potencia de devir, força que nos ultrapassa, a nós e a nossos objetos. Por isto entendemos que arquivos e bibliotecas como obras de arte fabulam um outro mundo que ainda não conhecemos. Pois ninguém sabe o que pode o corpo! Só saberemos no encontro; é no encontro que acontece o outrar-se, o devir, a transformação. Arquivos e bibliotecas pessoais não são apenas expressão de uma vida ou da vida de um coletivo. Não são apenas ‘evidences of me’ ou de nós. As vozes dos arquivos aqui apresentados são blocos de sensação duráveis e variáveis infinitamente. Possuem a potência de tornarem-se outros. Definem um estilo, perfazem uma obra de arte.

E tal obra se faz com o que restou de certo autor, de certo acervo pessoal, de certo resíduo de alguém cujo trabalho foi guardar algo de si, em si mesmo. Algo que si que pode ser zelado para que outros encontrem, achem e possam tomar contato; sobre isso, nos remetemos ao poema de Antonio Cícero que encerra nosso percurso, acreditando que “Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la./ Em cofre não se guarda coisa alguma./ Em cofre perde-se a coisa à vista./ Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado./ Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela./ Isto é, estar por ela ou ser por ela./ Por isso melhor se guarda o vôo de um pássaro/ Do que um pássaro sem vôos./ Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica”.

### **BESIDES WE ... EVIDENCE OF MULTIPLICITY**

#### **Abstract**

*Discusses the principle of provenance of archival theory from a tripartite discussion among Terry Cook, Ariane Ducret and Heloisa Belloto. Seeks inspiration in the Australian text “Evidences of me” not only to consider the personal and collective aspects of private files, but to highlight the multiplicities as a category that constitute both the individual and the collective aspects of archives. Discusses four research conducted in the archives and libraries of distinguished intellectuals as Darcy Ribeiro, Augusto Capanema, Florestan Fernandes and Neusa Carson questioning the principle of provenance as cases of multiplicities.*

#### **Keywords:**

*Principle of Provenance. Archives. Multiplicities.*

---

Artigo recebido em 28/06/2013 e aceito para publicação em 30/09/2013

---



## REFERÊNCIAS

- BELLOTTO, H. L. Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debate com Terry Cook. **Estudos históricos**, v. 21, 1998.
- CANDIDO, A. **Florestan Fernandes**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- COOK, T. Arquivos pessoais e institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. *Revista Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, 1998.
- CÓSCIA, V. L.; FERNANDES COSTA, L. S. A vida acadêmica do sociólogo brasileiro Florestan Fernandes flagrada pelas lentes fotográficas. In: Simpósio Baiano de Arquivologia, 3., 2011, Salvador. **Anais...** Salvador: Associação dos Arquivistas da Bahia, 2011.
- DUCROT, A. A classificação dos arquivos pessoais e familiares. **Estudos Históricos**, v. 11, n. 21. 1998.
- FRAIZ, P. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. **Estudos históricos**, v. 21, 1998.
- FREITAG, B. Florestan Fernandes: revisitado. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.19, n.55, 2005.
- GARCIA, S. G. **Destino ímpar**: sobre a formação de Florestan Fernandes. São Paulo: Ed. 34. 2002.191 p.
- HEYMANN, L. Q. O arquivo utópico de Darcy Ribeiro. *Hist. cienc. saúde-manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, jan./mar. 2012.
- MCKEMMISH, Sue. Evidence of me... **Archives and Manuscripts**, Camberra, v. 24, n.1, p.28-45. 1996.
- MOSTAFA, S. P.; MURGUIA, E. Entrevista com Terry Cook. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 2, jun./dez. 2012.
- MOSTAFA, S. P.; NOVA CRUZ, D. **Para ler a filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari**. Campinas: Alínea, 2009.
- ROMÃO, L. M. S. **Exposições do Museu da Língua Portuguesa**: arquivo e acontecimento e(m) discurso. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2010.
- SCHERER, A.; OLIVEIRA, S.; PETRI, V; PAIM, Z. Arquivo, memória e acontecimento em uma política de Fundos Documentais. (Inédito).
- VELOSO, C. **Tá combinado**. In: Álbum Focus – o essencial de Gal Costa. Gravadora Sony, 1999. Disponível em: <<http://www.letras.com.br/#!caetano-veloso/ta-combinado>>.
- VERAS, E. **Florestan Fernandes**: o militante solitário. São Paulo, Cortez, 1997.